

MOLIERE



1622

1673

CRONOLOGIA DA OBRA DE MOLIÈRE

- 1655 — “L’étourdi”
- 1656 — “O desgosto amoroso”
- 1659 — “As preciosas ridículas”
- 1661 — “Escola de Maridos”
- 1660 — “Sganarelo, ou O Corno Imaginário”
- 1661 — “Les fâcheux”
- 1661 — “Don Garcie de Navarre”
- 1662 — “ESCOLA DE MULHERES”
- 1663 — Crítica da “Escola de Mulheres”
- 1664 — “Tartufo”
- 1664 — “La Princesse d’Élide”
- 1664 — “Casamento à fôrça”
- 1665 — “Le festin de pierre”
- 1665 — “Don Juan”
- 1665 — “L’amour médecin”
- 1666 — “O Misanthropo”
- 1666 — “Médico à fôrça”
- 1668 — “Anfitrião”
- 1668 — “Georges Dandin”
- 1668 — “O Avarento”
- 1669 — “Monsieur de Porceaugnac”
- 1670 — “O Burguês Fidalgo”
- 1671 — “Les fourberies de Scapin”
- 1672 — “Comtesse d’Escarbagnas”
- 1672 — “As sabichonas”
- 1673 — “O doente imaginário”



“Acho muito mais fácil atingir os grandes sentimentos, desafiar a sorte em versos, acusar o destino e aos deuses dizer de aforos, que penetrar no ridículo dos homens e representar, no palco, de modo que agrade, os defeitos de todo mundo. Estranho ofício êste de fazer rir as pessoas de bem”.

MOLIÈRE

LOJAS

ELETROLAR

rua halfeld, 399
tudo em eletro-domésticos

TELE RÁDIO E PRESENTEX

duas lojas para servir melhor!
peças para rádios e televisores
discos e artigos para presentes
GAL. CONSTANÇA VALADARES,
12 — HALFELD, 652

MODAS JENNY

cumprimenta
o centro de estudos teatrais

MOLIÈRE — UMA VIDA NO TABLADO

A vida de Jean Baptista Poquelin (1622-1671), o maior comico francês é, apesar de tudo, muito mal conhecida. Sabe-se que nasceu a 14 de janeiro de 1622, numa famíliaourguesa de comerciantes abastados. Seu pai, Jean Poquelin, que se dedicava à tapeçaria, é nomeado "tapeceiro do Rei" em 1631.

Seu avô materno, Louis Cressé, ocupou-se muito do neto e, como gostava de comédias, levava-o sempre ao teatro no "Hôtel de Bourgogne". Sua educação foi emetada, tendo freqüentado o Colégio Clermont, onde recebeu formação típica do "honnête homme": estuda Matemática, Física, Dança, Esgrima, tornando-se ainda excelente latinista. Faz projetos de traduzir Lucrecio e estuda a obra de Terêncio e Plauto no original.

Ao sair do colégio, faz estudos de Direito em Orleans, de onde sai licenciado sem, entretanto, exercer a profissão de advogado. Conserva por algum tempo o cargo do pai que lhe passara às mãos por hereditariedade, mas, em 1643, desprezando todos os preconceitos da sociedade da época, que relegava os comediantes a uma condição de inferioridade, o jovem Poquelin resolve abandonar tudo e dedicar-se ao teatro. Organiza uma companhia de comediantes denominada "L'Illustre Théâtre", instalando-se no Jeu de Paume des Métayers, em Paris. Faziam parte do elenco Joseph e Madeleine Béjart.

Foi então que Jean-Baptiste adota o nome artístico de MOLIÈRE.

Esta primeira experiência fracassa inteiramente e Molière chega a ser encarcerado por dívidas. Mas não desanima. Dissolve-a e, juntamente com os Béjart entra no conjunto do Duque d'Épermon. De 1646 a 1658, leva uma vida de comediante errante, percorrendo as provincias. Em 1650-51, já na direção do elenco, encontra-se em Pézenas. Sua ascensão é gradativa e considerável. A companhia começa a fazer sucesso, seu desempenho é cuidado e o figurino magnifico. Em 1653 é nomeado comico titular pelo Príncipe de Conti, que lhe fornece uma pensão até 1657 quando, convertido pelos jansenistas, toma horror à comédia e rompe com seu protegido. No ano seguinte, Molière instala-se em Rouen para buscar uma aproximação de Paris e, consegue conquistar a proteção de MONSIEUR, irmão do rei, que lhe autoriza intitular seu elenco "Comediantes de Monsieur".

Já durante suas viagens Molière representara, pelo me os duas peças de sua autoria "L'Ét urdi" e "Le Dépit amoureux" (1656). Mas agora representa-as diante do rei e esta última obra consegue grande êxito não apenas perante o soberano mas diante do público parisiense.

Instalado no "Petit Bourbon", Molière, senhor único da sala, apresenta, em 1659, "As preciosas ridi-

culas", peça que deu início à comédia clássica. Um ano depois apresentava "Sganarello ou o Corno Imaginário".

Em 1660, como o teatro do "Petit-Bourbon" fora demolido, obteve uma sala no Palais-Royal". Para a inauguração, a 4 de fevereiro de 1661, apresentou "Dom Garcia de Navarro", tragicomédia que malograra. As pressas, montou "Escola de Maridos" a 24 de junho do mesmo ano, enquanto se aproxima de Fouchet. A 17 de agosto de 1661 apresenta "Les fâcheux", comédia que agrada muito ao Rei, que chega mesmo a lhe dar sugestões de uma cena. Já então havia sido nomeado "provedor dos divertimentos Reais".

A 20 de fevereiro de 1662, Molière casa-se com Armande Béjart, mencionada em sua certidão de nascimento como irmã de Madeleine, mas que talvez fosse filha desta. A 26 de dezembro do mesmo ano é representada "Escola de Mulheres", que provocou tempestades: Molière ousava ridicularizar o casamento, mesmo o "casamento cristão", para fazer a apologia do amor-paixão, do amor à primeira vista. Houve uma nuvem de panfletos violentos.

Para se defender, Molière representa, a 2 de junho de 1663 "A crítica de Escola de Mulheres", ridicularizando seus adversários e, logo após "L'improptu de Versailles". O Rei estava cada vez mais entusiasmado com o comediante, e encomenda-lhe comédias-bailados. A 29 de janeiro de 1664 Molière apresenta "Casamento à força" e em maio "A Princesa de Élide", pretexto para divertimentos conhecidos pelo título de "Prazeres da Ilha Encantada" e que acompanharam a inauguração de uma parte dos jardins de Versalhes. Foi quando foram representados os três primeiros atos de "Tartufo ou o hipócrita", peça em que

Molière visa atacar os excessos da "Companhia do Santo Sacramento, cujos membros fanáticos ou agitadores, semeavam a desordem nas famílias, sob o pretexto de reformar os costumes. Ele parecia haver conseguido a aprovação do Rei para os primeiros esboços, todavia, influenciado pelo Arcebispo de Paris, o soberano interdita a representação da peça em Paris e o cura Roullé chega mesmo a pedir a fogueira para o autor. Ainda que apoiado por pessoas conceituadas e mesmo pelo legado do Papa, a razão dos devotos se faz mais forte e é só pôde representar a peça em locais privados como a casa de Monsieur e da Princesa Palatine.

Na Páscoa de 1665 Molière tenta fazer representar "Don Juan" nas, ainda uma vez tem pe'a frente os devotos, e a peça tem que ser suspensa. Ao mesmo tempo, vê-se solicitado pelo rei para produzir espetáculos cada vez mais numerosos. Desentende-se com os comediantes do "Hôtel de Bourgogne" e com Racine, que lhe recusa autorização para representar "Andromaque".

Cai doente e seu teatro é fechado durante algumas semanas. Mas logo recupera sua energia. Escreve "O Misanthropo", representado a 4 de junho de 1666. Refugiado em seu trabalho, Molière tenta escapar às preocupações que lhe dá Armande, leviana e caprichosa, que se entende mal com o marido doente, sucumbido ao trabalho é irritável. Isto, porém, não o impede de produzir para os "divertimentos do Rei" em Saint-Germain "Mélécerte", "A pastoral cômica" e o "Le scielien ou l'amour peintre".

Na ausência do Rei, Molière tenta, a 5 de agosto de 1667, fazer representar "Tartufo", que tinha então o título de "O Imposor", mas o presidente Lamignon, en-

carregado da policia de Paris, manda proibir a peça. O Rei, alertado em Flandres, onde se encontrava, declarou unicamente que, ao voltar examinaria o assunto.

A 13 de janeiro de 1668, "O anfitrião" é representado no "Palais-Royal". A 18 de julho apresenta, na Côte, "Georges Dandin" e a 20 de setembro "O avaro" no "Palais-Royal". Enfim, a 9 de fevereiro de 1669, "Tartufo" é representado com o assentimento do Rei.

Molière é, cada vez mais, imprescindível aos prazeres do Rei. Da sucessivamente, perante a Côte: "Senhor de Pourceaugnac" (outono de 1669), "Os amantes magníficos" (1670), "O Burguês Fidalgo" (1670), o bailado "Psyché" escrito em colaboração com Corneille em 1671.

Molière não abandona o público parisiense, mas Lully, músico que já havia trabalhado em sua companhia, faz-se outorgar pelo rei, no ano seguinte, um privilégio para a sua Academia de Música: os outros compositores não poderiam mais representar comédias musicadas. Molière e seu elenco foram duramente atingidos.

Sem desanimar, o grande comico faz representar "O doente imaginário", que destinava à Côte, mas só é apresentada na cidade. Durante a quarta representação, a 14 de fevereiro, Molière teve uma violenta hemoptise e morreu por volta das dez horas da noite, depois de ter representado seu papel até ao fim.

O enterro desse comediante, morto quase no palco, foi feito por ordem do Rei, em terra cristã, mas apenas com tochas sem nenhuma pompa e com dois padres somente.

Algumas semanas mais tarde, a sala do "Palais-Royal" era entregue a Lully.

CASA ZAPPA LTDA.

comprimenta o CET

pela iniciativa de

ESCOLA DE MULHERES

UAI!

ótica

gal. belfort arantes, loja 1

fone 1501

ler para ver melhor!

literatura, didática e artes

livraria alvorada

GALERIA BELFORT ARANTES, 7

A ELETREX

peças e acessórios para
eletro-domésticos

panelas de pressão e fogões a

gás de todas as marcas

gal. belfort arantes, loja 8

MOLIÈRE E SUA COMPANHIA

Na história da interpretação dramática, a chegada de Molière e sua companhia a Paris, em 1658, assinala um marco importante. É certo que, para a posteridade, o gênio do autor sufocou um pouco o do ator, mas seus contemporâneos apreciaram tanto um, como outro. Por outro lado, como bem afirmou René Bray, não se pode captar a verdadeira natureza de sua obra, se não aproximando-a do trabalho do comerciante. Não nos esqueçamos de que Molière foi comediante durante mais de dez anos, antes de sonhar em converter-se em autor, e que nunca deixou de sê-lo.

Uma conseqüência importante da carreira de Molière, ator que chegou a autor aos trinta e seis anos, foi a de provocar muitas carreiras análogas. Antes de Molière não poderemos citar quase nenhum nome, excetuando-se talvez Montfleury, a quem se considerou autor por uma pobre adaptação. Todavia, depois ou simultaneamente com Molière, uma boa quantidade de atôres tiveram a pretensão de admitirem-se o ofício de autor. Assim é que, depois de Molière rompeu-se a barreira que separava escritores e comediantes: estes rebaixados a uma classe inferior na hierarquia dos ofícios, enquanto que aqueles eram elevados à raia gloriosa de "filhos das Musas". A técnica dos tabladôs aproxima-se da do escritório. A obra cômica, e às vezes a trágica nutre-se da experiência diante do público, inspira-se no gesto tanto como se inspira e elabora o universo propriamente teatral.

Nada o dispunha a ser ator. Filho de um rico burguês, formado nos melhores estudos, licenciado em direito, o jovem Poquelin consorciou-se em uma verdadeira concepção social ao associar-se, em 1643 à medicina com anhã dos Bérjart. Toma então o nome de Molière e representa com êles tragédias, tragicomédias e farsas, tanto em Paris em alguma sala de menor importância, como em províncias, mas com tão pouco êxito que Molière, que se havia erigido em administrador e empresário da companhia, é encarcerado por dívidas, à beira de uma falência.

Uma vez em liberdade, reforma o conjunto, agrega-o a outros elementos de valor e durante treze anos viverá em províncias, dirigindo a companhia. Seu êxito, sua reputação e sua fortuna aumentaram sem cessar. Dirige seus companheiros não apenas administrativa como tecnicamente, criando assim o ofício de diretor. É o primeiro a ensaiar longamente um espetáculo, atento aos menores detalhes, preocupando-se tanto com a compreensão de um personagem, como com a dicção de um texto. Em geral, luta com tôdas as suas forças contra a declamação pomposa, então em moda, impondo em tudo a naturalidade. Compõe para si mesmo um tipo cômico com espessas sobrancelhas, bigodes negros que caem nos cantos da boca. Não se põe em dúvida que Molière, como comediante, havia seguido a escola dos italianos. Conheceram-os primeiramente em Lyon e depois encontravam-os diariamente em Paris, visto que compartilhava com êles a sala do "Petit-Bourbon". Dada a sua veemente afeição pela técnica dramática, como não haveria de aproveitar a ocasião que então lhe era oferecida para estudar o trabalho maravilhoso do célebre Scaramouche? Uma caricatura bastante conhecida, mostra-o tratando de imitar as poses e gestos deste. A intenção do trabalho é hostil, pois mostra a francês como um aprendiz e plagiante. Todavia, o caricaturista não pode ter inventado totalmente a natureza de Molière como ator. Mas qual era o valor de Molière como ator? Como

Em geral, seus contemporâneos julgaram-no mediocre na tragédia, bom na comédia, excelente na farsa. Há um respeito unânime quanto à qualidade de seu estilo: atua de forma natural. Há também unanimidade quanto a sua eficácia: MOLIERE FAZ RIR. Todavia, a natureza não o tinha favorecido: tinha voz surda e um falar demasiado rápido, com um fôlego entrecortado e desagradável que cifrava a meio as palavras. Em compensação, tinha dons assombrosos para a mímica, tanto nas atitudes como na expressão fisionômica. Sabia "desmontar seu papel" como ninguém". Seguro de seu valor no repertório cômico, Molière não se resignou, todavia, com facilidade, a não ser mais do que um ator cômico; insistiu na representação trágica que só abandonou diante das críticas do público, por volta de 1665.

Dissemos que o caso de um ator de gênio, somado a um autor de gênio é único. Em Molière na realidade, o ator jamais está ausente enquanto o autor cria. Compõe suas comédias com as vistas voltadas ao efeito cênico, dosa severamente as regras dramáticas em sua qualidade de comediante, calculador hábil dos efeitos, e, como cômico, aplaudido, burla-se das teorias sobre os meios de fazer rir.

Em todas as suas comédias, desde "L'ÉTOURDI", destaca um grande primeiro papel cômico que atribui a si mesmo. O primeiro é Mascarille. Multiplica os falatórios, os grandes fragmentos de efeito, escreve textos para pôr em relevo sua própria pessoa, seguro que está de sua ascendência sobre o público. Mas também inventa uma intriga, na qual sua companhia possa empregar-se ao máximo, manifestar seus melhores recursos. Adapta exatamente os papéis ao talento de seus companheiros. Cria personagens que não serão somente variações sobre a natureza humana, mas também aqueles em que cada ator poderá destacar sua criatividade. Não se pode dizer hoje, que o texto publicado por Molière nos transmite exatamente sua representação. Testemunhos seguros provam-nos que numerosos "lazzi", aos quais o texto não faz menção, enriqueciam o espetáculo e acentuavam sua comicidade, deixando ampla margem à invenção bufa do ator. A tradição da "máscara" italiana dá aos personagens principais esta firmeza psicológica a que nos referimos. A preocupação com o espetáculo cênico é o que ordena as entradas e saídas, assim como o movimento dos comediantes sobre o tablado. Os desenhos dos comediantes, dos quais (já) a miúdo tem-se assombrado tanto os críticos que os julgavam, como letores e intérpretes psicólogos, estão impostos por uma técnica própria ao teatro. Enfim, é uma preocupação de ator e diretor de companhia, desajustada, antes de tudo, de causar impacto sobre o público, o que inspira Molière nesse estilo direto, tão pouco "escrito", tão "falado". Em todos os elementos da comédia, encontramos em primeiro plano o ator Molière.

O êxito alcança também a companhia que formou. Em suas origens encontramos Madeleine Béjart que foi a companheira fiel das horas difíceis do começo e dos anos gloriosos do fim. Já havia interpretado grandes tragédias durante sete anos, na província, quando se fundou a companhia do "Illustre Théâtre" com seu irmão Joseph e sua irmã Geneviève. Sob a direção de Molière foi, sobretudo atriz cômica, destinada particularmente aos papéis de "scoubettes", logo de mulheres maduras. Sem ser vedete, prestou grandes serviços graças à sua docilidade e à diversidade de seus recursos.

Sua irmã menor, ARMANDE BÉJARD, casa-se com Molière aos 20 anos de idade, tendo ele então 40. Este casamento muito deu o que falar às inimi-

gos do grande cômico. Sendo a jovem vinte e quatro anos mais nova que sua irmã Madeleine, que a criou sempre junto à companhia e sob a orientação do futuro cunhado, poderia ela ser sua própria filha, o que ocasionou rumores de que Molière teria se casado com sua filha. Inteiramente formada na carreira dramática pelo grande cômico, só iniciou sua carreira teatral depois do casamento, sob o nome de Mlle. Molière. Atuou junto ao marido desde os 20 anos até os 31. Desempenhou o papel de jovem na comédia e de apaixonada na tragédia. Todos elogiavam-se não sua beleza, a sua graça, espírito e seu tom patético.

Mlle. De Brie, casada com o ator De Brie, também pertencente à companhia possuía indubitável beleza e era graciosa e doce. Prestou os maiores serviços e prosseguiu atuando com o aplauso do público até que se retirou em 1685.

Mlle. Du Parc, muito bela e exímia dançarina representou na companhia

por muitos anos interpretando tanto comédias como tragédias, retirando-se do grupo quando passa para o "Hôtel Bourgogne" para interpretar "Andromaque", de seu amante Racine, pois Molière havia desistido da tragédia, e o célebre escritor já lhe havia recusado permissão para encenar a obra. Du Parc, segura de seu talento trágico, procura um outro conjunto, mais especializado em tragédias, onde poderia encontrar melhor emprego de seus dons. Boa atriz, esteve perfeita em Dorimène de "Casamento à força" e na Preciosa da "Crítica" antes de interpretar Racine e triunfar com "Andromaque".

Entre os homens, além de Béjart, o primeiro que merece ser citado é Du Parc, conhecido pelo nome de Gros-René. Atuou com Molière por vinte e um anos. É um "farceur", cuja bonomia pachorrente contrastava extraordinariamente com o "nervosismo" de Molière. Desaparecido prematuramente, não teve senão papéis secundários, salvo em algumas farsas.

O célebre Jodélet esteve apenas um ano em sua companhia. Foi elemento precioso na companhia. "Enfarinhado" como Gros-René, era um "farceur" que havia feito prosperar duas companhias a do "Hôtel Bourgogne" e a "Marais".

De Brie grande esgrimista, pouco simpático e enervado do de personagens secundários foi o companheiro fiel de Molière, sem entretanto acrescentar muito à glória da companhia.

La Grange, inteiramente formado por Molière, era elegante, cultivado, inteligente, de palavra fácil, amável e cortês. Foi um elemento de primeira ordem. Interpretou inclusive Don Juan, em suma, desempenhou os grandes papéis de galantes, que Molière não poderia desempenhar.

Du Croisy era um homem grande e forte. Representou Tartufo e também pais de família, pedantes, burgueses e alguns criados importantes.

La Thorillière era um trágico elegante, saído da companhia do "Marais" para unir-se a Molière. Foi empregado na comédia como o "raisonneur". Atuou quase que exclusivamente papéis sérios e dignos.

Baron foi a última aquisição de Molière e superou todos os companheiros em talento a prestígio. Com apenas vinte anos foram-lhe entregues os mais diversos papéis, chegando a substituir Molière em Alceste. Voltaremos a encontrá-lo mais tarde com a nova "Comédie-Française" por volta de 1673.

Imporlex Ltda.

gal. bruno ba bossa, 48

ARTIGOS FINOS PARA

PRESENTES E IMPORTADOS

Quincas Confecções

O Rei das Calças
e Camisas

para o homem moderno

AV. BARÃO DO RIO BRANCO,

2266

Jardim da Infância

Roda Pião

AV. RIO BRANCO, 3468

O mais recente e acolhedor

Jardim da Infância pronto para

receber seu filho com

aquêle carinho

A contribuição dos "farsistas"

Os "farceurs" não são propriamente "intérpretes" de teatro, no sentido de que sua arte não consiste em representar a comédia, dizer ou recitar um texto escrito por um autor, um texto que tenha em si, um valor literário. Porém, foram grandes atôres, mestres na arte de utilizar situações cômicas tradicionais, para retirar delas o maior efeito cômico, pela eloquência de sua linguagem e mímica corporal. Distinguem-se dos comediantes italianos que faziam a "commedia dell'arte" por atuarem em pequenos grupos de dois ou três elementos, sem contudo pertencerem a uma companhia embora, esporadicamente se unissem a um elenco para oferecerem seus números. Ainda que não tenham sido "intérpretes", seu exemplo foi igualmente fecundo, uma vez que autores como Molière aproveitaram sua experiência.

É admirável a coexistência de seis atôres, dos quais cinco morreram entre 1633 e 1637, embora em diferentes idades. Suas técnicas de interpretação, ainda que diversificadas, pautavam-se no mesmo objetivo que tem sido, desde sempre, a essência mesma da arte dramática: o impacto e a comunicabilidade com o público.

TABARIN (1583?-1626) pode passar por mestre ou protótipo. Era irmão do célebre Mondor que vendia produtos farmacêuticos de poderes maravilhosos, nas praças de Paris. Nunca subiu a um verdadeiro palco e utilizava sua surpreendente aptidão dramática para atrair os frequentes de seu irmão. Criou uma figura bem característica e muito imitada: longa e vasta barba, chapéu de feltro com que jogava de mil maneiras sua espada de madeira, a capa rodando sobre os ombros e pimpões amplos. Sua figura era bem conhecida pelos parisienses. Tabarin estava encarregado de encenações de propaganda visando amolecer os impulsos de defesa dos passantes, para

que seu irmão pudesse então encarecer seus produtos. O motor de sua comicidade era a necessidade de atrair e reter os compradores, como o fazem os camelôs de nosso tempo. A base de seu talento era a invenção verbal e mesmo antes de sua morte começaram a surgir imitações e textos que, provavelmente teriam sido escritos por êle mesmo. Todavia a criatividade estava ausente nestas reproduções.

GAUTIER-GARGUILLE (1573-1633) ainda que dez anos mais velho, constitui um exemplo de "farceur" muito evoluído. Proveniente de uma digna família burguesa atuava em uma conceituada companhia de província. Vindo a Paris, une-se a Jacob (pai do célebre Montfleury) conhecido como Gros-Guillaume e a Tabarin e com êles forma um trio que se tornará a atração mais extraordinária do "Hôtel de Bourgogne". Garguille, de corpo esquelético com pernas finas, ágeis e flexíveis, braços longos, parece desarticulado, enquanto que seu companheiro, Gros-Guillaume é grosso e grande com um ventre enorme. O contraste destes dois produz um excelente efeito cômico. Ambos, por sua vez, contrastam com o terceiro. Turlupin, bom moço, glutão que representa os criados cômicos e sensuais e os grandes tenores, emprega uma fecundidade inesgotável, cheia de subtendidos mas nunca deixa de convencer suas conquistas. Fora do palco são grandes companheiros, boêmios e excêntricos, mas bem aceitos em altas rodas, pois são na verdade "honnêtes gens". Com o passar do tempo aburguesam-se, casam-se e vão morar em perfeita harmonia e decora numa mesma casa onde criam seus filhos.

Gautier foi ainda diretor da Companhia do "Hotel de Bourgogne" antes de Bellerose e os três retiraram-se, mais ou menos ao mesmo tempo, entre 1633 e 1637. Porém sua glória subsistirá, suas obras foram publicadas e êles se tornaram tipos legen-

dários.

Ainda durante o primeiro terço do século XVII, destaca-se, principalmente GUILLOT-GORJU (1600-1648) que, embora possuindo diploma de médico, utiliza durante longo tempo seus dons cômicos a serviço dos vendedores de drogas. Sobe ao palco do "hôtel de Bourgogne" onde interpreta papéis de doutores sob uma máscara de cabelos grisalhos, olhos enormes, uma barbicha pen-teaguda, ampla capa e sua metade às costas. Inteligente, de temperamento vivo, era famoso por suas réplicas incisivas. Todavia, sua especialidade era o médico enfatuatedo de fé na sua falsa ciência, cujo tipo voltaremos a encontrar em Molière.

A contribuição dos "farceurs" à técnica do comediante é muito importante. Ainda que, nêles, a invenção do texto corra paralelamente com a interpretação física, e por conseguinte, mais que "intérpretes" foram criadores, eles contribuíram muito para a interpretação dos atôres cômicos propriamente ditos. Sua imaginação verbal, que não caberia na recitação de um texto escrito, serviu de modelo aos comediantes que, em cada companhia, faziam o "discurso" de apresentação da peça, no qual sobressaía Molière. Neste momento o comediante voltava a ser criador e podia dar livre curso à fantasia verbal. Para "esquentar" o público, deveria encontrar a eficácia necessária aos "charlatões" que trabalhavam para um vendedor de drogas.

Mas, sobretudo, o "farceur" revela aos comediantes, os infinitos recursos da expressão corporal, da mímica, que enriquece, ilumina e vivifica o texto. Faz de um recitador servil, um grande ator que, sem eclipsá-lo, superpõe ao texto do autor sua própria invenção, e a traduz em linguagem física.

Enfim, os "farceurs" levaram Molière a fundir seus personagens no molde de um "tipo" cômico, a estilizar sua psicologia, ainda que seus mestres mais diretos tenham sido os Italianos.

(Baseado no artigo de mesmo nome, de Philippe Van Tieghem — "Les Grands Comédiens (1400-1600)".)

UM GRUPO CHAMADO DIVULGAÇÃO

"O teatro é antes de tudo um forte", poderíamos afirmar, parodiando Graciliano sobre a situação atual desta arte, que séculos depois de uma vivência ininterrupta ainda permanece viva e atuante, na sua procura de afirmação e caminhos novos dentro de um contexto global de comunicação de massas. Mas, se essa procura de auto-afirmação é uma trilha válida, em todo o mundo, no Brasil ela alcança forte acento nacional, pois luta contra as próprias estruturas empíricas, sobre as quais o nosso teatro foi criado. Essa situação, de âmbito nacional, que por si já é enorme, atinge uma magnitude sem par se passamos esses problemas para a esfera regional, onde o teatro somente sobrevive à custa de esforço histórico de grupos de teatros amadores. São em sua grande maioria jovens que se dedicam seriamente, na pesquisa teatral. É um trabalho didático com vistas a um aprimoramento do espetáculo.

O Grupo Divulgação nasceu em 1966 e seu trabalho profícuo vem dando à cidade uma inúmera série de espetáculos e de manifestações culturais desde "O Condição do Lameão", de Nerton Macedo, quando mostrou os valores plásticos e humanos dentro de uma forma de teatro regional nordestino. De debates e ciclos de conferências, que foram sendo realizados, nasceu a necessidade de uma concepção maior: transformar o Grupo Divulgação no "aprox" da cultura teatral da cidade, com a encenação dos verdadeiros valores da dramaturgia universal. Veio então "O Us", de Tchecov, no qual o teatro do espetáculo mostrou um tema ainda hoje atual: a emancipação da mu-

lher. O Grupo Divulgação sentiu-se então preparado para partir para um cometimento há muito sonhado: encenar o poeta maior do teatro espanhol Federico Garcia Lorca e, então, "Bodas de Sangue" surgiu com toda sua pujança latina. Daí em diante, um compromisso foi assumido com o público juiz-forano que passou a acreditar no Grupo. As peças futuras teriam de ter o mesmo gabarito, o mesmo valor cultural das outras já apresentadas. Então surgiu "Electra" de Sófocles, o clássico teatro grego e seus ideais de Justiça e Liberdade. Depois de um clássico imortal surge uma experiência nova em comunicação teatral: "O Diário de um Louco", de Gogol, que mostrava e denunciava a máquina burocrática ameaçando o homem. A adaptação de Rubem Rocha Filho constatava a universalidade do tema, já que a peça denunciou um "status" atual e nacional. O próximo passo do Divulgação teria de ser, e realmente o foi, levar ao público de Juiz de Fora uma obra do grande defensor do Homem. Máximo Gorki. Foi, então, que "Os Pequenos Burgueses" surgiram denunciando um mundo em transformação e o teatro russo pré-revolucionário teve de ser estudado profundamente por todos os integrantes do Divulgação, que contaram então com a ajuda de Luiz Linhares, ator profissional de alto gabarito, que já havia participado da encenação da peça pelo Grupo Oficina na GB. Naturalmente o tema primava-se pela atualidade e na profunda mensagem de amor à vida. O drama urgo Friedrich Dürrenmatt e "A Véspera da Velha Senhora" foram escolhidos pelo Grupo

Ótica Líder Ltda.

gal. bruno barbosa, 33
PELA SUA PREFERÊNCIA
retribuimos confiança com
bom serviço

GRUPO DIVULGAÇÃO

Sob os auspícios da PMJF e UFJF

Centro de Estudos Teatrais

promove
GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

“ESCOLA DE MULHERES”

- | | |
|--------------------|--|
| Crisalide | Léa Maria Clifford Kegele |
| Arnolfo | José Luiz |
| Alain | Rogério Costa Dacorso |
| Georgette | Martha Sirimarco |
| Inês | Nelma Sandra Gonçalves Froes |
| Horácio | Pedro Paulo Tauci |
| Henrique | Ronaldo Agrícola |
| Oronte | Genival de Carvalho e O'liveira |
| Som | Teresinha Galhardo de Castro |
| Contra-regra | Maria Helena Fialho, Maria de
Lourdes Herédia e Ana Maria Curty |
| Luz | Marcelo Saraiva da Cruz e Vera
Nardelli de Castro |
| Sapatos | Francisco Nil Xavier |
| Figurino-execução | Léa Clifford e Malu Rocha |
| Cenotécnica | Rogério Dacorso |
| Cenário e Figurino | Lucas Marques do Amaral |
| Texto | Molière |
| Tradução | Millôr Fernandes |
| Direção | José Luiz Ribeiro |

Divulgação que, de antemão, sabia que era um trabalho difícil, de um autor importante, cuja temática era obrigatório trazer ao público de Juiz de Fora. Um trabalho árduo, sem dúvida, mas altamente compensador pelo grande alcance cultural do mesmo.

E agora, o Divulgação, depois de uma fase de ensaios diários e intensos, apresenta a malícia e a linguagem satírica de Molière em “Escola de Mulheres”. O autor francês faz uma crítica à sociedade permissiva do século XVIII, quando os homens se tornaram preocupados com a liberdade que a mulher conquistava socialmente. Novamente, não precisamos ressaltar a atualidade dos vocábulos “sociedade permissiva”, “liberdade social da mulher” etc., para constatar que Molière foi buscado intencionalmente pelo Divulgação, pela sua atualidade.

Pela narrativa “histórica” do trabalho do Divulgação, podemos constatar que além do trabalho de formação de um público de teatro na cidade, outras metas foram atingidas, como, por exemplo, montagens para elencos secundários, dirigidos por elementos do Grupo, participação do Festival de Arte integrando o Grupo ao meio universitário, de onde a grande maioria dos atores é proveniente. E além dessa participação podem também ressaltar o Curso Básico de Teatro, ministrado por elementos do Grupo e outros ligados a ele, que proporcionou uma visão maior da arte teatral. O Divulgação, pelo seu trabalho, forma entre uma das maiores expressões culturais da cidade e prova que Graciliano tinha razão quanto ao nordestino, como nós temos certeza quanto ao teatro: “é antes de tudo um forte”.

JF/novembro de 70.
ANTÔNIO AUGUSTO.

trabalhos apresentados

pele

GRUPO DIVULGAÇÃO

espetáculos antológicos
amor em verso e canção
homem do século XX
antologia da mulher

apresentações didáticas

morte e vida severina

coral universitário

outros espetáculos

— joão cabral de mello neto

— mostra em recital

cancioneiro de lampião — nerthan macêdo

o urso — anton tchekhov

bodas de sangue — federico garcía lorca

electra — sófocles

diário de um louco — nicolai gogol

pequenos burgueses — máximo gorki

A visita da velha senhora — friedrich durrenmatt

escola de mulheres — molière

próximo espetáculo: "A onça de asas", peça infantil de Walmir Ayala

MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO (LORCA).

agradecimentos:

Prefeitura Municipal; Engenheiro Itamar Augusto Cautiero Franco, prefeito municipal; Dr. Gilson Salomão, Reitor da UFJF; Secretaria de Educação e Cultura da PMJF; Prof. Murílio de Avellar Híngel; Dr. Osmar da Silva Jr.; Sr. Humberto Bucci, vice cônsul da Itália; Casa d'Itália; Sr. Ercole Caruso; Sr. Otávio Carello; Sociedade Beneficente Umberto I; Sr. Adelino Ferreti; Conservatório Brasileiro de Música; Sra. Eny Motta Daibert; "Maison de France"; Canais de Comunicação que, através da DIVULGAÇÃO de nosso trabalho, incentivam as nossas realizações; Diários Associados, na pessoal de seu diretor, Jornalista José Aureliano de Hollanda, sem o qual não haveria a impressão deste programa e a todos que compreendem que

MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO (LORCA)